

A CONSTRUÇÃO DO MOTE NA TERAPIA COMUNITÁRIA INTEGRATIVA

Liliana Beccaro MARCHETTI*

RESUMO: A autora, coordenadora do TCendo.sp – ensino e desenvolvimento, polo formador de terapia comunitária integrativa na cidade de São Paulo desde 2002, em sua atividade de formadora se deparou com a dificuldade na utilização do mote pelos terapeutas comunitários, independentemente da sua experiência. Assim, criou uma metodologia para superar esta dificuldade, cujo resultado foi apresentado no Congresso Brasileiro e Internacional de Terapia Comunitária Integrativa (TCI) 2015, na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais, Brasil. O mote pode ser entendido como uma frase ou palavra, metafórica ou não, formulada pelo terapeuta comunitário como uma pergunta, durante a fase de problematização da TCI, cujo objetivo é refletir a síntese da situação dramática vivida pelo protagonista na roda. É através do mote que ocorre a operacionalização da terapia comunitária. A sua formulação exige do terapeuta uma atitude analítica, que permita o pleno esclarecimento da situação-problema e a sua resolução. Para tanto, compreende algumas etapas: a busca de palavras chaves, sua checagem, a elaboração e sua apresentação ao grupo. A formulação do mote, por si só, tem um substancial impacto terapêutico, devendo ser utilizada deliberadamente para desencadear mudanças em todos os participantes da roda de TCI, inclusive o terapeuta.

PALAVRAS CHAVES: Mote. Terapia de grupo. Terapia comunitária.

* Psicóloga Clínica e Hospitalar. Psicoterapeuta. HCFMUSP - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas - Projeto de Neuropsiquiatria da Epilepsia (PROJEPSI). Coordenadora, professora e entrevistadora. Polo Formador de Terapia Comunitária Integrativa TCendo.sp: ensino e desenvolvimento. São Paulo – SP – Brasil. 05018-001 - lilibmarchetti@hotmail.com

Introdução

Pensar, fazer e falar de mote é sempre interessante e intrigante. Por vezes é muito fácil e por vezes é muito difícil produzir um mote que sintetize a dor e o sofrimento específico de um protagonista em um grupo ou roda. Quando iniciamos a formação em terapia comunitária integrativa (TCI), nos deparamos com a necessidade de construir um mote para mobilizar de maneira inclusiva e profunda o grupo na tarefa de refletir e trazer as soluções pessoais semelhantes ao problema apresentado.

Como um polo formador desta modalidade de atendimento em saúde nos deparamos ao longo do tempo com a dificuldade dos alunos em produzirem o mote, tanto dos iniciantes, como de muitos experientes terapeutas que consideram esta uma tarefa trabalhosa e difícil. Além disso, ela tem um grande peso, pois como Dr. Adalberto Barreto (2005) coloca em seu livro *Terapia Comunitária passo a passo*, o mote é o coração da terapia.

Tendo em vista o interesse da nossa parte, a necessidade frente à dificuldade encontrada pelos alunos e à experiência que desenvolvemos propusemo-nos a pensar numa tecnologia para dar cabo desta tarefa e instrumentalizar melhor o terapeuta comunitário de maneira mais sistemática para fazer esta atividade com o efetivo sucesso na roda de terapia comunitária integrativa.

Para cumprir nossa proposta, criamos esta oficina que surgiu do benefício de identificar a dificuldade e trazer a possibilidade de superá-la, criando e desenvolvendo uma metodologia a partir da compreensão da importante função do mote.

Uma oficina tem a qualidade de aproveitar a experiência de todos que dela participam, portanto, aprendemos também com ela. Para ajudar, usamos questões mobilizadoras para produzir reflexão e resolução da tarefa a que nos propomos, tais como: O que é um mote? Como fazer um mote? Quais os objetivos do mote? Que estratégias ou recursos usar? O que é importante? Qual o melhor mote?

Desenvolvimento

O que é um mote?

Partindo desta pergunta iniciamos um caminho que se fez produtivo e esclarecedor. Buscamos inicialmente a definição no dicionário Houaiss que nos possibilitou ver de maneira genérica que o mote se refere a:

Qualquer adágio, sentença breve, etc, tomado por escritores, dramaturgos, poetas, etc, como ponto de partida para o desenvolvimento de sua obra ou para resumir-lhe o sentido; assunto tema de alguma coisa; tema de vida; tema, assunto, epígrafe, lema. (HOUAISS, 2008, p.1968).

Considerando esta definição começamos a pensar do ponto de vista da terapia, e nos perguntamos o que é o mote na TCI? Concluímos que na, TCI o **mote** é uma pergunta-chave que identifica e define a situação problema, permite a reflexão sobre o comportamento do protagonista com determinado problema em determinado momento e que seja capaz de trazer à tona elementos para ressignificar a realidade vivida numa síntese que promova mudança. Então, com a colaboração do terapeuta o mote é a alma da terapia. Logo, formulamos uma definição de mote para a TCI, como:

O mote na TCI é como uma frase ou palavra, metafórica ou não, formulada pelo terapeuta como uma pergunta, durante a problematização da terapia comunitária integrativa, cujo objetivo é refletir a síntese do drama da situação vivida pelo protagonista do grupo ou roda. (MARCHETTI; FUKUI, 2007, p. 48-51).

Objetivos do mote

Atentos à importância do mote nos deparamos com a reflexão de que temos objetivos a atingir e ficamos muito surpresos com o que atentamos, pois, descobrimos, nesta busca, que o mote promove a possibilidade de ver uma situação-problema, busca seu esclarecimento por vários ângulos e procura conhecer os diferentes saberes da comunidade evitando a solidão e a exclusão. Portanto, em muitos momentos usamos a frase “Você não está só!”. Logo, o mote promove experimentar o pertencimento quando o protagonista e o grupo percebem que fazem parte de um grupo e também de algo maior: uma comunidade. O mote pode caminhar do individual para o coletivo, através das pessoas, suas famílias, da comunidade a que pertencem e da sociedade.

Além disso, busca desvelar a dor vivida pelo protagonista de forma que o grupo possa trazer as histórias que mostram o instrumental do grupo para lidar com problemas. Permite integrar o grupo na busca de soluções para a situação-problema numa unidade. Cada integrante do grupo mostra o seu melhor para contribuir com o alívio da dor do outro. Então, o

mote promove uma rede solidária de apoio fraterno que congrega a possibilidade de dar e receber o seu melhor e muitas vezes conhecer o seu melhor e, quando é possível, contribuir para aliviar a dor do outro e descobrir que ajudando o outro, ajudo a mim mesmo.

Estratégias e recursos para fazer um mote

Inicialmente é importante conhecer bem os pilares da TCI, pois eles orientam os caminhos a seguir e a abrangência que o mote pode ter, seja ela cultural, resiliente, sistêmica, familiar e/ou comunitária. Outro ponto importante é conhecer bem as etapas da terapia, pois, cada uma delas é importante na preparação do grupo para a formulação do mote, e o sucesso da terapia. O mote será colocado na problematização e precisa preparar o grupo para isso.

Para a construção do mote vamos privilegiar sempre a informação do protagonista e para que isto seja possível o terapeuta precisa estar atento e “presente” para não incluir coisas pessoais à situação-problema. Inclusive, por causa disso, na capacitação do terapeuta comunitário integrativo, temos o cuidando do cuidador e recomendamos que os terapeutas o façam outras vezes, mesmo depois da capacitação, para trabalhar suas angústias e dificuldades, e poder estar inteiramente a serviço das pessoas na roda de terapia comunitária.

Durante a terapia, como dissemos anteriormente, a construção do mote se dará desde o início, com a preparação do grupo pelo terapeuta. Mas é na contextualização que esta tarefa se faz necessária, pois o terapeuta inicia a coleta de informações para entender o sofrimento e a dor daquela pessoa, e, desta forma, construir o mote. Uma forma de acolher é colher as palavras-chave da pessoa, isto é, as palavras significativas e específicas com as quais o protagonista se identifica, para formular o mote. O mote é feito da palavra-chave de maneira mais próxima possível do sofrimento do protagonista. Então, lançando mão de perguntas e estimulando o grupo a ajudá-lo na tarefa de perguntar, é que será possível ao terapeuta compreender a dor, o sofrimento da pessoa e construir o mote.

Coletar informação é sempre uma tarefa difícil, mas com o treino é possível fazê-la muito bem: fazendo muitas terapias, dominando o “script da TCI” e na medida em que o treino acontece, inclusive, há uma melhora na qualidade da pergunta. Descobrimos, com a experiência, que a arte de perguntar está na capacidade de fazer uma pergunta que obtenha uma resposta que esta contribua para a compreensão do problema da pessoa e consequentemente ajude na formulação do mote.

A arte de perguntar permite reconhecer os temas importantes da pessoa e a ajudá-la a questionar objetivamente pontos de vista, opiniões e crenças pertinentes que auxiliem a esclarecer a sua dor e o seu sofrimento. Frequentemente orientamos o grupo, neste momento, que quando vier à mente um conselho, sugerimos à pessoa transformá-lo numa pergunta, assim será mais útil para o protagonista que poderá refletir e compreender o seu problema.

Outra propriedade das perguntas é que elas auxiliam na organização das informações e a lidar com a insegurança do terapeuta, pois, permitem a este certificar-se de que o que ele está pensando é mesmo do protagonista. O uso da restituição neste momento é relevante. Exemplo: “Deixe-me ver se eu entendi, se não, por favor, me corrija! A sua dor é ...”. Desta forma, o terapeuta certifica-se da sua apreensão da palavra-chave e valida o mote que pretende colocar para o grupo, na maioria das vezes, com a confirmação do protagonista, o mote está pronto.

Fazendo um adendo que corrobora esta ideia, Sócrates já dizia: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses.” Este grande filósofo, nos ensinou a importância de perguntar e acrescenta que “você deve dar-se conta do limite do seu saber, isto é, do seu não saber, pois permite a você estar seguro do que sabe do outro para então poder ajudá-lo”.

Mas atentemos ao fato de que o mote é constituído por dois questionamentos que contemplam a tarefa do terapeuta: um que explora o saber, a experiência individual, pessoal, e o outro, que busca soluções conhecidas, maneiras possíveis de resolução, presentes no grupo, na experiência do outro que participa da roda. Por esse motivo questionamos, usando o mote genérico: “1ª) Quem já viveu uma situação semelhante a essa contada pelo colega? 2ª) E o que fez para resolver?”

Queremos ainda colocar a curiosidade como um recurso muito importante para o terapeuta no grupo, pois ela dá qualidade à pergunta, faz com que o terapeuta demonstre interesse genuíno pelo tema, pela pessoa, pelo humano. Além disso, ajuda o terapeuta a estimular o grupo e auxiliá-lo a perguntar, porque o terapeuta sabe que o grupo conhece a sua realidade melhor do que ninguém e funciona como seu co-terapeuta. Mais ainda, permite ao terapeuta ter fé no silêncio e paciência em ouvir o grupo. Quando o grupo pergunta, considera que o grupo é capaz de resolver seus problemas, como muito bem diz Dr. Adalberto “você é capaz de criar o problema e também a solução”.

Também é importante conhecer outros motes, de outros terapeutas, treiná-los, usá-los. Outra possibilidade de grande ajuda é conhecer provérbios, ditos populares que ajudam a ampliar o horizonte do mote, bus-

cando, na sabedoria popular, a virtude de, em poucas palavras dizer tudo. O mesmo acontece com o uso da metáfora que possibilita a ampliação do tema, produzindo novas possibilidades verbais.

Tipos

Temos que completar a explanação, pontuando que temos dois tipos de mote: Um tipo é o **mote genérico** ou **curinga**. Este é um mote polivalente que amplifica sua atuação. Pode ser usado em qualquer situação, especialmente quando o terapeuta não tem clareza da dor do protagonista na situação ou quando o terapeuta verifica que um mote genérico pode ser mais útil, abrangente e beneficia de maneira significativa o grupo. Um exemplo: “Quem já viveu uma situação semelhante ao fulano e o que fez para resolver?” O mote genérico é poderoso, pois pode desdobrar possibilidades que não foram pensadas até aquele momento. O outro tipo é o **mote simbólico** ou **específico**. Este mote é específico, usado para ir direto ao ponto da dor do protagonista, busca um sofrimento ou dor específica. Pode ser usado quando o terapeuta tem clareza do sofrimento colocado, confirmado pela restituição. Neste caso, muitas vezes, a palavra-chave faz parte do mote e também podemos lançar mão dos provérbios, metáforas que serão o mote, por exemplo: “Quem já se sentiu um patinho feio e o que fez para resolver?” Como o nome diz, este mote refere-se sempre a um símbolo, mito, que se refere a situação-problema do protagonista. Sua vantagem está no fato de que todos entendem cada um a sua maneira o símbolo e terão uma estória para contar.

Níveis de mote

Temos mais um ponto importante a ser explorado. São os níveis de mote. O que queremos dizer com isso? Queremos trazer à luz que o terapeuta tem a possibilidade de fazer motes diferenciados: individuais, familiares, comunitários e sociais próximos ou mais amplos. Com o tempo de roda e experiência, estas possibilidades vão se colocando.

Os individuais se referem à dor de uma pessoa, a um problema individual que pode ser aproveitado pelo grupo. São os mais comuns. Os motes familiares se referem a questões de família, a um pequeno grupo dentro do grupo, e dizem respeito às dificuldades familiares propriamente ditas, por exemplo, as relações familiares. No nível comunitário, o mote comunitário vai tratar de alguma questão da comunidade, por exemplo, drogas ou brigas na comunidade (FUKUI; MARCHETTI; VIANNA, 2003).

E, por fim, pode tratar até de uma questão social mais ampla, que possa conter uma reivindicação social do grupo para uma mobilização social, como cuidar de uma praça do bairro, por exemplo, ou reivindicar algum trabalho de algum órgão público, seja municipal, estadual ou federal, e viabilizar o seu encaminhamento.

Com o tempo, percebemos que, conforme o treino do terapeuta vai acontecendo, ele vai ficando mais experiente e mais habilidoso em fazer os motes, o grupo vai aprendendo a lidar com as questões grupais e a participar do grupo, seus integrantes vão ficando mais ativos e começam a se empoderar. Do mesmo modo, as questões vão também ficando mais específicas, complexas, reivindicatórias e humanas. O grupo começa a querer discutir outros níveis. Como exemplo, podemos citar um caso de uma comunidade de Brasília que na sua maioria mulheres através das terapias comunitárias montaram uma cooperativa que virou referência no mundo da moda, o Paranoarte¹.

Então as possibilidades são infinitas, o terapeuta, à medida que tem experiência em seu ofício e conhece a comunidade com que trabalha, vai criando possibilidades cada vez mais inusitadas. Queremos finalizar aqui com a frase de Martin Buber que nos acompanha e contempla: “O maior sofrimento de um indivíduo é não ser reconhecido como um ser diferente é viver sem ser percebido como alguém original, é ter que se violentar para poder ser notado.” (MARCHETTI; FUKUI; VIANNA, 2002).

O que é UM BOM mote?

Um bom mote é uma questão que sempre acompanha os terapeutas comunitários. Justamente pela importância que lhe é conferida. Mas o que exatamente é o melhor mote? Outra questão frequente é se o terapeuta conseguiria fazer um mote melhor do que o feito?

Inicialmente, para se conseguir um bom mote, o terapeuta deve se ater ao tema relatado pela pessoa, ter claro e identificar o sofrimento, a

¹ O PARANOARTE é um projeto de geração de renda na comunidade e inclusão social. É uma proposta de trabalho social voluntário voltada, para o desenvolvimento da comunidade e, focada, no artesanato produzido principalmente com resíduos têxteis e materiais recicláveis em parcerias com a rede de produção e de comércio solidário, onde se valoriza o artesão, o meio ambiente e a cultura popular. Consiste em buscar, nas comunidades do Distrito Federal, especialmente entre os integrantes dos grupos de terapia comunitária, a descoberta de competências pessoais e habilidades artesanais para o desenvolvimento de trabalhos produtivos que resultem em geração de renda, dignidade, cidadania, melhoria da qualidade de vida e da autoestima para as artesãs, suas famílias e demais participantes do projeto. Consultar: <<http://paranoarte.blogspot.com.br>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

dor da pessoa. Conseguir apreender a dor do protagonista é a tarefa mais importante do terapeuta, pois, sabendo o que faz o protagonista sofrer poderá lançar mão do seu arsenal teórico para elaborar o melhor mote para aliviar o sofrimento da pessoa.

A investigação será feita através de perguntas. Gostamos de pensar que perguntar é uma arte, pois a qualidade da pergunta é que fornece a informação desejada. O terapeuta inicia as perguntas durante a etapa da contextualização da terapia comunitária, mas, estimulará o grupo a ajudá-lo. Isto é muito importante, pois o grupo escolheu o tema e sabe, conhece aquela dor. Então as perguntas do grupo serão até mais pontuais do que as do terapeuta, dando o caráter de pertinência dos iguais. A investigação levantará os sentimentos, convicções, valores, cultura, e outras posições do protagonista. Conhecendo a história e o sofrimento, o terapeuta encontra as palavras-chave do protagonista, então, anota, e cuida da qualidade delas. A qualidade da palavra-chave refere-se à palavra mais significativa para o protagonista, pois o que promove a mudança é o que é relevante para aquela pessoa. Neste trabalho de grupo, sempre temos a possibilidade de lidar com as questões individuais que repercutem nas questões coletivas do grupo.

Ainda mais, deve ir, além disso, procurar entender a humanidade que o tema, trazido pelo protagonista, está comunicando. Com isso, queremos dizer que o sofrimento do protagonista traz uma dimensão do humano que o terapeuta precisa alcançar para poder comunicar. À medida que o terapeuta acessa este caráter humano do sofrimento, ele congrega o aproveitamento de todos no grupo e a compreensão do sofrimento específico do protagonista.

De maneira sintética, podemos dizer que o mote precisa conter o contexto, transformar o sofrimento e promover a mudança.

Depois de cuidar destes passos iniciais, o melhor mote é aquele que desvela a dor, que promove a mudança, vence a indiferença e a banalização do sofrimento e da violência, construindo caminhos diferentes do caminho da reação. É aquele que é capaz de trazer à tona os elementos fundamentais que permitem ao grupo rever seus esquemas mentais, preconceitos e ressignificar a realidade, além de apresentar os problemas como comuns a todos, diminuindo, ou extinguindo, desta forma, estereótipos, preconceitos, intolerâncias, prisões e ilusões e, acima de tudo, propondo os dois lados da mesma questão, a polaridade, por exemplo, da autossuficiência X dependência, ou a dependência X autonomia.

Então, para finalizar como colocar o mote? Então, queremos dizer com isso que a forma de colocar o mote também é importante. É muito

importante que o terapeuta coloque o contexto claro do mote e suas elaborações, como segue. Aqui um exemplo de mote genérico, então, dizemos ao grupo: Ouvimos a história dessa pessoa que, com certeza, nos fez lembrar nossas histórias e mexeu com nossas emoções. Vamos agora falar de nós, daquilo que nos tocou e que nos chamou a atenção. Então, agora é momento do grupo se colocar, quem já viveu situação semelhante à de fulano e o que fez para resolver?

Conclusão

O terapeuta tem uma grande responsabilidade em suas mãos, caminhar na terapia comunitária no sentido de promover a mudança para dissipar a dor e o sofrimento. O instrumento para fazer isso é o mote. Ele precisa ser o mais adequado possível para a situação-problema que se apresenta como tema da terapia comunitária.

Procuramos descrever todas as questões que se colocam ao se pensar no mote. Em princípio, no início, todo terapeuta tem uma certa dificuldade, mas nada melhor do que a prática para conseguir conquistar a segurança que necessita para fazê-lo. Para tanto, queremos lembrar outras necessidades para dar conta da tarefa que estão fora desta metodologia. É muito importante que o terapeuta se aprimore, através de cursos que ampliem a sua visão de mundo, aumentando a sua capacidade de entender o humano e compreender seu sofrimento. Mas a eficiência se consagra quando o terapeuta sabe cuidar de si. Então, fazer o cuidando do cuidador para trabalhar suas questões pessoais e ficar livre das suas limitações, ajuda o terapeuta a se humanizar e se desenvolver na sua sensibilidade: cuidar de si para poder cuidar do outro.

Atualizar-se, buscar informações nos Anais dos Congressos de Terapia Comunitária Integrativas, em livros produzidos pela rede, nos artigos divulgados pelos colegas e em outras abordagens buscar possibilidades que ampliem a sua atuação como terapeuta. Buscar conhecer e estudar as mazelas que os grupos possuem ajudam a compreender o grupo que estamos trabalhando (MARCHETTI, 2011). Ouvimos em algum momento ao longo dos anos que trabalhamos com a terapia comunitária integrativa, e concordamos que a terapia comunitária não é um instrumento acabado, estará sempre em construção e evolução, pois é um organismo vivo que precisa alimentar-se sempre, buscando novidades e ampliando-se, desde que, sem ferir seus princípios básicos elencados no livro *Terapia Comunitária passo a passo* escrito pelo Professor doutor Adalberto Barreto (2005), seu criador.

Resumindo: O que não se pode esquecer é que o mote é uma pergunta-chave. É o coração da terapia comunitária. Com a perícia do terapeuta, torna-se a alma da terapia comunitária e tem como objetivo principal, identificar a dor, ampliar, ressignificar e promover a mudança. O mote ocorre na problematização, mas precisa das informações colhidas na contextualização, na observação do protagonista e do grupo, e o preparo do grupo nas etapas anteriores. Além disso, tem dois tipos de motes e vários níveis. O bom mote desvela a dor e propõe uma reflexão que gera mudança em todos, inclusive no terapeuta. O treino é necessário, assim como, conhecer bem os pilares da TCI, conhecer provérbios e buscar auxílio em outras abordagens.

Então, para finalizar, o mote é o momento crucial da terapia comunitária, pois é através dele que o grupo trabalha, as pessoas se identificam com o sofrimento desvelado pela situação-problema do protagonista, elaborado no mote pelo terapeuta. Então, o mote permite a operacionalização da terapia quando consegue revelar o drama na vida do protagonista e acontece o compartilhamento das histórias, produzindo a compreensão e o compartilhamento de soluções para os problemas da vida. Já para o terapeuta, o mote é uma oportunidade de usar sua sensibilidade e disposição em escutar o outro para conceber a operacionalização e sucesso da terapia.

THE MOTTO CONSTRUCTION IN COMMUNITY THERAPY INTEGRATIVE

ABSTRACT: *The author, coordinator of TCendo.sp – teaching and development, an integrative community therapy former pole in the city of São Paulo since 2002, realized that therapists have a great difficulty in the formulation of the motto, notwithstanding their experience. Then, she created a methodology devised to overcome this difficulty. The result of this job was presented at the Brazilian and International Integrative Community Therapy (TCI) Congress. The motto can be understood as a phrase or word, metaphoric or not, formulated by the therapist with the aid of a question, during the questioning phase of the TCI. The objective of motto's formulation is presenting a synthesis of the dramatic situation experienced by the protagonist of the therapy, when the operationalization happens through. The therapist needs an analytical attitude to formulate the motto that will enable him to elucidate and resolve the problem situation. This involves some steps: searching for keywords, checking them, motto's elaboration, and its presentation to the*

group. Motto's formulation alone has a substantial therapeutic impact, so it must be deliberately used to precipitate changes in all the participants of the therapy, also the therapist.

KEYWORDS: *Motto. Group therapy. Community therapy.*

REFERÊNCIAS

BARRETO, A. **Terapia comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.

FUKUI, L.; MARCHETTI, L. B.; VIANNA, M. S. L. Terapia comunitária e o conceito de comunidade: uma contribuição da sociologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA COMUNITÁRIA, 1., 2003, Morro Branco. **Anais...** Morro Branco, 2003. p. 7-11.

HOUAISS. **Grande dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

MARCHETTI, L. B. Compreendendo o grupo na terapia comunitária integrativa. In: CAMAROTTI, M. H.; FREIRE, T. C. G. P.; BARRETO, A. (Org.). **Terapia comunitária integrativa sem fronteiras: compreendendo suas interfaces e aplicações**. Brasília: [s.n.], 2011. p. 177-195.

MARCHETTI, L. B.; FUKUI, L. Em busca do Mote. In: CONGRESSO BRASILEIRO, 4. ; ENCONTRO INTERNACIONAL DE TERAPIA COMUNITÁRIA, 1., 2007, Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre, 2007. p. 48-51.

MARCHETTI, L. B.; FUKUI, L. F.; VIANNA, S. L. Agruras e vicissitudes de um terapeuta: relato de uma experiência paulista em terapia comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA FAMILIAR, 5. ; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE TERAPIA FAMILIAR, 3., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador, 2002. Disponível em: <http://nemgeusp.weebly.com/uploads/6/1/5/7/6157532/agruras_vicissitudes_marchetti.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2016.

